

## VERIFICAÇÃO DAS AFIRMAÇÕES DE ROUSSEAU

---

**Para a descoberta da verdade** a refutação dos erros opostos não é de nenhum proveito considerável. Uma vez derivada a verdade de seus princípios próprios por inferências corretas, tudo o que a contraria tem de ser necessariamente, mesmo sem contestação explícita, falso; e assim como temos uma visão de conjunto do caminho que tivemos de percorrer para chegar a um certo conhecimento, avistamos também facilmente os caminhos laterais que levam dêle a opiniões errôneas, e estaremos facilmente em situação de indicar, com tôda determinação, a quem tiver errado, o ponto a partir do qual se extraviou. Pois cada verdade só pode ser derivada de Um princípio. Qual seja êsse princípio para cada tarefa determinada, é o que tem de expor uma Doutrina da Ciência bem fundada. Agora, como se deve continuar a inferir a partir dêsse princípio, é prescrito pela lógica geral, e assim pode-se facilmente descobrir tanto o caminho verdadeiro quanto o errado.

Mas a menção de opiniões opostas é de grande proveito para a **exposição clara e nítida** da verdade encontrada. Pela comparação da verdade com os erros somos obrigados a dar mais atenção às características opostas de ambos e a pensá-las com determinidade mais rigorosa e maior clareza. — Sirvo-me dêsse método para dar-lhes hoje uma visão de conjunto concisa e clara do que lhes expus até agora nestas conferências.

Pus a destinação do homem no /VI 336/ avanço constante da cultura e no desenvolvimento uniformemente continuado de tôdas as suas disposições e carências; e atribuí à classe que tem de velar pelo avanço e a uniformidade dêsse desenvolvimento um lugar muito honroso na sociedade humana.

Ninguém contradisse essa verdade com mais determinação, por motivos mais aparentes e com mais forte eloquência do que Rousseau. Para êle o progresso da cultura é a única causa de

tôda corrupção humana. A seu ver, não há salvação para o homem a não ser no estado de natureza: e - o que então se segue com inteira correção dentro de seus princípios - aquela classe que mais propicia o avanço da cultura, a classe dos eruditos, é a seu ver tanto a fonte quanto o centro de tôda miséria e corrupção humanas.

Uma tal tese é apresentada por um homem que instruíra suas disposições espirituais até um grau muito elevado. Com tôda superioridade que lhe dava essa sua formação privilegiada, êle trabalhou para convencer, tanto quanto possível, tôda a humanidade da correção de sua afirmação, para persuadi-la a retroceder àquele estado de natureza por êle apregoado. - Para êle retrocesso é avanço; para êle aquêle estado de natureza abandonado é meta última a que deve chegar afinal a humanidade agora corrompida e deformada. Êle faz portanto exatamente aquilo que nós fazemos; trabalha para levar avante a seu modo a humanidade e para propiciar o progresso desta em direção a sua meta última e suprema. Êle faz portanto exatamente aquilo que êle mesmo censura tão amargamente; suas ações estão em cantradição com seus princípios.

Essa contradição é exatamente a mesma que impera também em seus princípios, em si. O que entretanto o moveria a agir, se não um impulso qualquer em seu coração? Se êle tivesse investigado êsse impulso e o tivesse colocado ao lado daquêle que o levou a seu êrro; então haveria unidade e concordância ao mesmo tempo em sua maneira de agir e em sua maneira de inferir. - Se solucionarmos, a primeira contradição, teremos ao mesmo tempo solucionado a segunda; o ponto de unificação da /VI 337/ primeira é ao mesmo tempo o ponto de unificação da segunda. - Vamos encontrar êsse ponto; vamos solucionar a contradição; vamos entender Rousseau melhor do que êle mesmo se entendeu, e vamos encontrar Rousseau em perfeita concordância consigo mesmo e conosco.

O que bem poderia ter levado Rousseau àquela proposição singular, decerto também parcialmente afirmada por outros antes dêle, mas que em sua generalidade contraria totalmente a opinião comum? Tê-la-ia êle porventura inferido por mero raciocínio a partir de um princípio superior? Oh não! Rousseau de nenhum lado penetrou até os fundamentos de todo saber humano; êle parece jamais ter-se sequer interrogado a respeito dêles. O que Rousseau tem de verdadeiro, funda-se imediatamente em seu sentimento; seu conhecimento tem pois os erros de todo conhecimento fundado no mero sentimento não desen-

volvido, em parte o de ser **incerto**, porque não podemos jamais prestar-nos contas completas de nosso sentimento; em parte o de misturar o **verdadeiro com o não-verdadeiro**, porque um juízo fundado em um sentimento não desenvolvido estabelece sempre como equivalente o que entretanto não é equivalente. A saber, o **sentimento** nunca erra, mas o **juízo** erra, ao interpretar incorretamente o sentimento e ao tomar um sentimento misto por um sentimento puro. — A partir dos sentimentos não desenvolvidos que Rousseau põe no fundamento de suas reflexões, êle infere sempre corretamente; uma vez chegado à região do raciocínio êle é uno consigo mesmo e por isso empolga tão irresistivelmente os leitores que são capazes de pensar com êle. Se êle tivesse podido permitir que também sôbre o caminho da inferência o sentimento tivesse influência, êste o teria trazido de volta ao caminho correto de que o desviara no início. Para errar menos, Rousseau teria tido de ser um pensador ainda mais rigoroso, ou um pensador menos rigoroso; e, do mesmo modo, para não se deixar desencaminhar por êle, é preciso ter ou um grau muito alto ou um grau muito baixo de rigor; ou ser inteiramente pensador, ou não o ser de nenhum modo.

Separado do grande mundo, guiado por seu puro /VI 338/ sentimento e por sua viva imaginação, Rousseau criara para si uma imagem do mundo e em particular da classe erudita, cujos trabalhos o ocupavam prioritariamente, tal como deveriam ser e como, se seguissem aquêle sentimento comum, teriam necessariamente de ser e seriam. Êle veio ao grande mundo; dirigiu seus olhos em tôrno de si; e o que se passou com êle, quando viu mundo e eruditos, tal como eram efetivamente! Ele viu, elevado a um grau terrível, o que todo aquêle que emprega seus olhos para ver pode ver por tôda parte — homens sem pressentimento de sua alta dignidade e da centelha divina dentro de si, curvados para a terra, como os animais, e presos ao pó; viu suas alegrias e seus sofrimentos e seu destino inteiro dependentes da satisfação de sua sensibilidade inferior, cuja carência entretanto se eleva com cada satisfação a um grau mais doloroso; viu como na satisfação dessa sensibilidade inferior não respeitavam nem o justo nem o injusto, nem o sagrado nem o profano; como estavam sempre prontos a sacrificar a humanidade em alcançar seu proveito e o dever na satisfação de seus senso do justo e do injusto, e colocavam a sabedoria na habilidade em alcançar seu proveito e do dever na satisfação de seus desejos; — viu enfim como nesse rebaixamento buscavam sua

sublimidade e nessa vergonha sua honra; como olhavam com desprezo aquêles que não eram **assim** tão sábios e **assim** tão virtuosos quanto êles: — viu — espetáculo que afinal também se pode contemplar na Alemanha — viu aqueles que deveriam ser os professôres e educadores da nação, decaídos a escravos solícitos de sua corrupção, aquêles que deveriam dar à época o tom da sabedoria e da honestidade obedecerem cuidadosamente o tom dado pela tolice dominante e pelo vício dominante; — ouviu-os, quando se tratava de dirigir suas investigações, perguntarem-se: não — isso é verdade e torna bom e nobre? — mas: isso será ouvido com gôsto? não: o que a humanidade ganhará com isso? mas: o que **eu** ganharei com isso? quanto dinheiro, ou /VI 339/ o aceno magnânimo de que príncipe, ou o sorriso de que bela mulher? — viu que também êles colocavam sua honra nessa maneira de pensar; viu-os dar de ombros compassivamente ao parvo que julgasse não sentir o espírito dos tempos **assim** tão bem quanto êles; — viu talento e arte e saber unidos para o miserável fim de forçar os nervos desgastados por tôdas as fruições ainda a uma fruição mais refinada; ou para o desprezível fim de desculpar a corrupção humana, justificá-la, elevá-la a virtude, demolir inteiramente tudo o que ainda pusesse um dique em seu caminho — viu afinal — e experimentou — o por própria e desagradável experiência — êsses indignos tão profundamente afundados que perderam as últimas centelhas do pressentimento de que houvesse ainda alguma verdade e a última reverência diante dela, que se tornaram inteiramente incapazes de sequer lidar com razões, que, quando alguém ainda lhes grita aos ouvidos essa exigência, dizem basta, não é verdade, e não queremos que seja verdade — pois nada temos a ganhar com isso. — Tudo isso êle viu e seu sentimento altamente tenso e **assim** frustado se revoltou. Com profunda indignação êle puniu sua época.

Não lhe levemos a mal essa sensitividade! Ela é sinal de uma alma nobre: quem sente o divino em si — freqüentemente suspirará à eterna Providência: então são êstes meus irmãos? êstes os companheiros que me destes no caminho da vida terrena? Sim! êles têm minha forma; mas nossos espíritos e nossos corações não têm parentesco; minhas palavras são para êles lalavras de uma língua estrangeira, e para mim as dêles; ouço a ressonância de suas vozes, mas nada em meu coração lhes poderia dar sentido! Ó eterna Providência, por que permitistes que eu nascesse entre tais homens? ou, se eu devia nascer entre êles, por que me destes êste sentimento êste pressen-

timento estimulante de algo melhor e superior? por que não me fizestes igual a êles? por que não fizestes de mim um homem inferior, como êles o são? Eu poderia então viver satisfeito com êles. — /VI 340/ Vocês bem podem ralhar com seu desgosto e censurar sua insatisfação, — vocês outros, que acham tudo bom; bem podem apregoar-lhe êsse contentamento, com o qual deixam que tudo lhes agrade, e a modéstia, com que aceitam os homens como êles são! Êle seria tão modesto quanto vocês se tivesse tão poucas carências nobres. Vocês não são sequer capazes de alçar-se à representação de um estado melhor e para vocês efetivamente tudo é bastante bom.

Ora, nessa plenitude da sensação amarga, Rousseau não foi capaz de ver nada mais do que o objeto que a despertara. A sensibilidade imperava; essa era a fonte do mal; ora, êle queria ver suprimido êsse império da sensibilidade, a todo risco, custasse o que custasse. — Ê de se admirar que tenha caído no extremo oposto? — A sensibilidade não deve imperar; ela seguramente não impera, se é completamente morta, se não está de nenhum modo aí, ou se não foi desenvolvida, não chegou a tomar fôrças. — Daí o estado de natureza de Rousseau.

Em seu estado de natureza as disposições próprias da humanidade não devem ainda estar instruídas, não devem sequer estar sugeridas. O homem não deve ter outras carências, a não ser as de sua natureza animal; deve viver como o animal no pasto a seu lado. — E' verdade que nesse estado não teria lugar nenhum dos vícios que tanto revoltavam o sentimento de Rousseau; o homem comerá quando tiver fome e beberá quando tiver sêde, o que lhe aparecer pela frente; e, se estiver saciado, não terá nenhum interêsse em roubar ao outro aquêle alimento de que não pode servir-se. Se estiver saciado, diante dêle qualquer um poderá tranquilamente beber e comer o que e quando quiser; pois êle carece agora justamente de tranqüilidade, e não tem tempo para perturbar o outro. Na previsão do futuro está o verdadeiro caráter da humanidade; ela é ao mesmo tempo a fonte de todos os vícios humanos. Se a fonte se desvia, não há mais nenhum vício; e Rousseau efetivamente a desvia com seu estado de natureza.

Mas ao mesmo tempo é verdade que o homem, tão certo quanto /VI 341/ é um homem e não um animal, — não está destinado a permanecer nesse estado. O vício é sem dúvida suprimido por êle, mas com o vício também a virtude e a razão em geral. O homem se torna um animal irracional; há uma nova espécie de animal: mas homens não há mais.

Sem dúvida Rousseau agiu honradamente com os homens e aspirava a viver êle mesmo nesse estado de natureza que apregoava a outros com tanto calor, — e certamente essa aspiração se manifesta através de tôdas as suas expressões. Poderíamos fazer-lhe a pergunta: o que entretanto Rousseau buscava propriamente nesse estado de natureza? — Êle se sentia limitado, oprimido por múltiplas carências, e — o que para os homens habituais é sem dúvida o menor mal, mas, a um homem como êle, era o que mais amargamente oprimia — êle mesmo era freqüentemente desviado por essas carências da trilha da retidão e da virtude. Se vivesse no estado de natureza, pensava, não teria tôdas essas carências, e tanta dor pela sua não satisfação e tanta dor ainda mais amarga pela sua satisfação através da desonra lhe teria sido poupada. Êle ficaria em paz **perante si mesmo**. — Êle se encontrava premido por outros em todos os lugares, porque se interpunha à satisfação de suas carências. A humanidade não é má à toa e em vão, acreditava Rousseau e nós com êle: de todos que o prejudicavam, nenhum o teria prejudicado se não tivesse sentido aquelas carências. Se tudo em tôrno dêle vivesse em estado de natureza, êle teria sido deixado em paz **perante os outros**. — Então Rousseau queria paz impertubada do interior e do exterior? — Exatamente! mas agora nós lhe perguntamos ainda, em que queria êle aplicar essa paz impertubada? — Sem dúvida naquilo em que applicava aquela de que contudo partilhava: na meditação sôbre sua destinação e seus deveres, para com isso enobrecer a si mesmo e a seus irmãos? Mas como teria sido capaz disso nesse estado de animalidade que admitiu, — como teria sido capaz disso /VI 342/ sem a prévia instrução que só poderia obter no estado de cultura? Assim, êle transpôs desapercibidamente a si mesmo e a sociedade inteira **com tôda a instrução que ela só poderia obter saindo do estado de natureza**, nesse estado; admitiu desapercibidamente que ela já deveria ter saído dêle e percorrido todo o caminho da formação; e entretanto não deveria ter saído nem se instruído; e assim chegamos desapercibidamente ao sofisma de Rousseau e podemos agora solucionar seu paradoxo totalmente e com pouca fadiga.

Rousseau não queria trazer os homens de volta ao estado de natureza quanto à instrução espiritual, mas meramente quanto à independência das carências da sensibilidade. E é certamente verdade que assim como o homem se aproxima mais de sua meta suprema, ser-lhe-á sempre mais fácil satisfazer suas carências sensíveis; que êle terá de empregar sempre menos fadiga e cuidado para levar sua vida através do mundo; que a fertilidade

do solo tem de aumentar, o clima tem de tornar-se sempre mais ameno, uma inúmera quantidade de novas descobertas e invenções têm de ser feitas para diversificar e facilitar a subsistência; que além disso, assim como a razão ampliará seu domínio, o homem caracera sempre de menos — não, como no rude estado de natureza, por não conhecer seu conforto — mas por poder dispensá-lo; sempre estará pronto a fruir do melhor com gosto, se puder tê-lo sem ferir seus deveres, e a dispensar tudo o que não pode ter com honra. Se êsse estado é pensado como ideal — e dêsse ponto de vista é inalcançável, como todo ideal — é a idade de ouro da fruição dos sentidos sem trabalho corporal que descrevem os poetas antigos. Está portanto **diante** de nós o que Rousseau sob o nome de estado de natureza e aqueles poetas sob o nome de idade de ouro colocam **atrás** de nós. (É — que de pas- /VI 343/ sagem isto seja lembrado — em geral um fenômeno que aparece freqüentemente no mundo antigo, que aquilo que nós devemos **tornar-nos** seja descrito como algo que já **fomos** e que aquilo que temos a alcançar seja representado como algo perdido; um fenômeno que tem sua boa razão na natureza humana e que um dia, em ocasião oportuna, explicarei a partir dela.)

Rousseau esquece que a humanidade só é capaz de aproximar-se dêsse estado e só pode aproximar-se dêle através de cuidado, fadiga e trabalho. A natureza é rude e selvagem sem mão humana, e assim deveria ser, para que o homem fôsse forçado a sair do inativo estado de natureza e a trabalhá-la — para que êle mesmo, de mero produto natural, se tornasse um ser racional livre. — Certamente êle sai; abre, a todo risco, a maçã do conhecimento; pois inextigüivelmente está implantado nêle o impulso a ser igual a Deus. O primeiro passo a partir dêsse estado o leva a lamento e labuta. Suas carências são desenvolvidas; exigem lancinantemente sua satisfação; mas o homem é por natureza indolente e preguiçoso, pelo tipo de matéria de que surgiu. Surge então a dura luta entre carência e preguiça; a primeira vence, mas a segunda queixa-se amargamente. Então êle ara com o suor da fronte o campo, e se zanga por êste ter ainda espinhos e cardos a serem arrancados. — Não é a carência a fonte do vício; ela é estímulo à atividade e à virtude; a indolência é a fonte de todos os vícios. **Fruir sempre tanto quanto possível; fazer sempre tão pouco quanto possível** — essa é a tarefa da natureza corrompida; e as diversas tentativas que são feitas para cumpri-la são seus vícios. Não há nenhuma salvação para os homens, enquanto essa preguiça natural não tiver sido combatida

com êxito, e enquanto o homem não encontrar na atividade e sòmente na atividade suas alegrias e tòda sua fruição. Daí o doloroso que está ligado ao sentimento da carência. Êle deve excitar-nos à atividade.

/VI 344/Êsse é o propósito de tòda dor; em particular, é também êsse o propósito dessa dor que nos assalta diante daquêle espetáculo da imperfeição, da corrupção e da miséria de nossos próximos. Quem não sente essa dor e essa amarga indignação é um homem comum. E pôsto que seu trabalho não frutificasse; que êle não visse nenhuma utilidade nisso, ainda assim, já o sentimento de sua atividade, o espetáculo de sua própria fôrça, que êle convocou na luta contra a corrupção geral, o faz esquecer aquela dor. — Aqui Rousseau falhou. Tinha energia; mas mais energia do sofrimento do que da atividade; sentiu fortemente a miséria dos homens; mas sentiu muito menos sua própria fôrça para ajudar a eliminá-la; e assim como se sentia, assim julgava **os outros**; assim como êle estava para seu sofrimento particular, assim, segundo êle, a humanidade inteira estava para seu sofrimento comum. Êle calculava o sofrimente; mas não calculava a fôrça que o gênero humano tem em si para se ajudar.

Paz sôbre suas cinzas e bênçãos sôbre sua memória! — Êle ateou. fogo em muita alma, que levou avante o que êle iniciou. Mas atuou quase sem estar consciente de sua auto-atividade. Atuou, sem convocar outros a atuar; sem dirigir sua atuação contra a soma do mal coletivo. Essa falta de esforço por uma auto-atividade impera através de todo seu sistema de idéias. Êle é o homem da sensitividade passiva, mas não ao mesmo tempo do próprio contra-esforço ativo contra a pressão dela. — Seus amantes levados ao êrro pela paixão tornam-se virtuosos; mas também meramente **se tornam**, sem que vejamos bem, **como?** A luta da razão contra a paixão, a vitória gradual, lenta, adquirida com tensão e fadiga e trabalho, — o mais interessante e mais instrutivo /VI 345/ que poderíamos ver — êle oculta aos nossos olhos. — Seu discípulo se desenvolve por si mesmo. O preceptor dêste não faz muito mais do que afastar os obstáculos de sua formação e deixa de resto reinar a natureza benévola. Ela terá também de mantê-lo sempre sob sua tutela. Pois energia ativa, ardor, decisão firme para lutar contra ela e subjugá-la, êle não lhe ensinou. Entre homens bons êle será bom; mas entre os maus — e onde a maioria não é má? — êle sofrerá indizivelmente. — Assim Rousseau descreve constantemente a

razão em repouso, mas não na luta; êle enfraquece a sensibilidade em vez de fortalecer a razão

Empreendi a presente investigação para solucionar aquêlê famigerado paradoxo, que se opõe têrmo a têrmo a nosso princípio; mas não apenas para isso. Eu queria ao mesmo tempo mostrar-lhes, no exemplo de um dos maiores homens de nosso século, como vocês não devem ser; eu queria desenvolver-lhes, a partir de seu exemplo, uma doutrina importante para a vida inteira. — Vocês agora aprendem, através de investigações filosóficas, como devem ser os homens, com os quais em geral ainda não têm nenhuma relação muito próxima, estreita, inseparável. Vocês chegarão a essa relação mais próxima com êles. Vocês os acharão inteiramente outros do que sua ética quer que sejam. Quanto mais nobres e melhores vocês forem, mais dolorosas serão as experiências que lhes estão pela frente; mas não se deixem vencer por essa dor; vençam-na com atos. Essa dor está calculada; ela é levada em conta no plano para a melhoria do gênero humano. Deter-se e queixar-se da corrupção dos homens, sem mover uma mão para reduzi-la, é feminino. Punir e satirizar amargamente, sem dizer aos homens como devem tornar-se melhores, é hostil. Agir! Agir! é para isso que estamos aqui. Quereríamos zangar-nos porque outros não são tão perfeitos quanto nós, se simplesmente somos mais perfeitos? Não é justamente /VI 346/ essa nossa maior perfeição o apêlo a nós, de que somos nós aquêles que têm de trabalhar para o aperfeiçoamento de outros? Alegremo-nos com o espetáculo do amplo campo que temos a trabalhar! Alegremo-nos de que sentimos fôrça em nós e de que nossa tarefa é infinita!

G. Fichte

(trad. Rubens Rodrigues Tôrres F.º)